

conduzirem os destinos da revista, fizeram, já, as opções do porvir, delineando as diretrizes dos próximos números, recomendando a coerência das publicações, o que trará, certamente, uma diferenciação, necessária e desejada, sobretudo porque sintonizada com o tempo. Há de se ter, pois, as linhas do pensamento assim diversificadas, mas singularizadas em números temáticos. O Diretor da revista - o Prof. George Browne do Rego - é um Reitor, também, mas tem sido, especialmente, um pensador, no mister que abraçou, o de professor de Filosofia. O Diretor Associado - o Prof. Jarbas Maciel -, faz da cultura, da ciência e das artes, um todo de seu espírito e o Editor - o Prof. César Leal -, poeta e prosador, crítico literário reconhecido em todo canto, assume, em realidade, o seu lugar de outrora, pois que assim, na qualidade de Editor, também, dirigiu, por anos, o periódico. Nessas páginas e nesses espaços, a Universidade Federal de Pernambuco há de acolher a produção local, dos professores, principalmente, mas dos intelectuais todos, que no exercício da criação se apresentarem. De braços abertos, então, nessa perspectiva de futuros, chega *Estudos Universitários*, na pretensão da perpetuidade, também.

Há de se destacar, por fim, por dever de justiça, então, o interesse com que vem acompanhando todo esse processo de resgate, o Magnífico Reitor, o Prof. Mozart Neves Ramos, que sendo um pesquisador das coisas da ciência, da Química, especificamente, não descuida do humanismo. Tem sido assim nas iniciativas todas que visam atender aos anseios da cultura e das artes, desfraldando a bandeira, muitas vezes ou seguindo, atentamente, os passos dos colaboradores. Foi do Magnífico Reitor a idéia de restaurar a casa-grande do antigo Engenho do Meio, em cujo terreno ergue-se a Universidade Federal de Pernambuco, hoje, cuja materialização é desejada por todos. E têm sido do Prof. Mozart Neves Ramos outras tantas idéias! Em *Estudos Universitários*, particularmente, seguiu, de perto, o evoluir dos chamados contactos acadêmicos, opinando, sempre, na perspectiva do melhor. Encheu-se de entusiasmo, quando soube da disponibilidade de um grande nas artes, o pintor João Câmara, que assina a capa, dando beleza à publicação, mas, sobretudo, dando à revista as cores do regional ou os traços de mantenedora das tradições e das antecipações de Pernambuco, que precisa continuar imortal, para honrar os versos de Oscar Brandão.

ESTUDOS UNIVERSITÁRIOS: A voz espiritual da comunidade acadêmica

César Leal

Após uma interrupção de mais de uma década, retorna à circulação a revista *Estudos Universitários*. Quando foi criada em meados dos anos 60, sua missão era estimular, promover e difundir o pensamento científico, artístico, filosófico e tecnológico dos professores e pesquisadores da Universidade Federal de Pernambuco. Seu retorno, quando comemoramos os 50 anos de fundação da Universidade, constitui um acontecimento altamente significativo para a revigoração cultural de nossa vida acadêmica. Não cabe dúvida de que *Estudos Universitários* terá um papel a desempenhar nas mudanças temporais que se avizinham: o fim do século 20 e o início do terceiro milênio. É todo um vasto mundo, com uma perspectiva de incalculável alcance, que se apresenta diante de todos, com problemas novos e complexos, alguns ainda como herança do século que termina. Outros, surgem como desafios crescentes do milênio que se inicia.

Quando relemos o primeiro número de *Estudos Universitários*, verifica-se quanto eram atuais, na perspectiva da época, os temas tratados por seus colaboradores. Tal número correspondia a janeiro-março de 1966. Era uma fase conturbadíssima, da vida política, econômica e social da América Latina. O número se abria com um ensaio de Gilberto Freyre, cujo objetivo era dar resposta a duas complexas interrogações por ele próprio formuladas: a) Que é, na verdade, em suas relações com as outras partes do mundo, a América de ordinário denominada Latina? b) Que conjunto sociologicamente homogêneo forma no plano sócio-cultural, para poder ser toda ela considerada latina, além de geograficamente e, também sociologicamente americana nas situações dentro das quais se vem desenvolvendo no tempo tanto quanto no espaço sua latinidade?

Com essas duas perguntas, expressas em seu estilo característico, Gilberto Freyre procurava dar respostas, geográficas e sociologicamente corretas, às preocupações de numerosos estudiosos europeus com esta parte do mundo. O estudo não fora feito especialmente para esta revista. Ao contrário, era uma "introdução" sociológica muito rica em informações para a revista *Diogene*, de Paris, sobre as primeiras formas simbólicas observáveis nas artes e nas letras latino-americanas, valorizando em especial as contribuições africanas e ameríndias. O diretor da revista *Diogene*, interessado em questões de nosso continente, solicitara o estudo a Gilberto Freyre por já ser ele bem conhecido e respeitado na Europa, particularmente na França, onde era muito lido, na tradução da Gallimard, seu livro *Casa Grande & Senzala*.

No ensaio para *Diogene*, aliás bastante extenso, Gilberto Freyre refere-se em várias ocasiões, à arte de Rivera e Orozco, à música de Chavez e Villa-Lobos, ao famoso poema argentino *Martin Ferro*, e à pintura de Francisco Brennand e Lula Cardoso Aires. Concluía seu estudo, falando em "ilhas sociológicas em relação com o conjunto continental que deva ser caracterizado como latino-americano". Antes, adverte que fala por quantos europeus e americanos colaboram neste número de *Diogene*, afirmando que para nenhum desses colaboradores a "chave de interpretação do *ethos* e da cultura latino-americana está no latinismo (europeu) rigidamente puro ou num indigenismo (americano) igualmente puro". Os termos *europeu* ou *americano*, não são suficientes para definir o passado, ou como ele diz literalmente, "o desenvolvimento ou o ideal latino-americano". Para a compreensão de tudo isso seriam necessárias amplas análises dos "conjuntos de interpretações", embora admitindo as "ilhas sociológicas de exceção", já assinaladas nesta síntese.

Outro colaborador desse número de *Estudos Universitários*, era o físico nuclear Carlo Borghi, cientista e humanista, italiano de Milão, ex-discípulo do Prof. Fermi, que durante muitos anos trabalhou em nossa Universidade. Seu ensaio de grande beleza formal – "A posição das Ciências na Filosofia do Homem" – fazia uma rigorosa distinção filosófica "entre as coisas do homem e as coisas humanas", quando se procura assinalar o lugar exato da "função das ciências e o valor objetivo delas em relação com o

fenômeno de incomensurável complexidade que passa sob o nome enigmático de *Homem*". Mostrava que a busca de *correlações permanentes* era tudo por medo de uma cultura técnica, sofisticada, robótica cibernética em prejuízo do componente humanístico.

Esse medo – dizia ele – não tem nenhum fundamento objetivo, a não ser um complexo de inferioridade (e as vezes é difícil para a cultura tecnizada em alto grau e a qual tantas coisas devemos para o mal e para o bem) o típico complexo dos não técnicos para com os técnicos. As duas componentes, a científica e a artística ou humanística, respondem de duas maneiras diferentes a um estímulo fundamentalmente igual e tipicamente humano, isto é o que empurra à busca das correlações. (...) "Essas correlações são as correlações causais pelas quais o mundo é certo, seguro, não mágico, previsível e "racional", e então este desejo de segurança leva o homem a construir as ciências". A essa altura, Borghi, em sua lógica rigorosa, mostrava o outro lado da questão: "correlações emocionais que nos permitem repetir, controlar as emoções e as estimativas, para nos dar a segurança de que não estamos vivendo num mundo louco, imprevisível, errático e casual, mas num mundo que podemos aceitar como a casa da qual sabemos tudo o que é necessário. Então esse desejo de segurança emocional nos empurra a construir as artes". A certa altura de seu ensaio, Carlo Borghi falava sobre um tema que lhe foi sempre muito caro: a experiência da Liberdade e concluía

Mas é evidente, então, que esta análise da filosofia do homem, ajudada pelas ciências, dá ao homem uma posição única, como sendo a encruzilhada em que todos os mundos que coexistem neste universo se interpenetram e se entrelaçam para formar esta criatura grande e trágica que é o homem.

O professor Bezerra Coutinho, biólogo de excelente formação humanística, também aparecia como um dos colaboradores do primeiro número desta revista. Magistral é como se pode definir o seu ensaio sobre Teilhard de Chardin. Começa por fazer uma análise da comissão de homens de ciência, formada pelo que de mais completo havia entre os que no mundo se dedicavam à paleontologia e as ciências humanas em todos os níveis, encar-

regada da publicação da obra, ou melhor “dos escritos” de Teilhard de Chardin. Acredito que, dificilmente, haja em nosso país alguém capaz de superar a interpretação de Bezerra Coutinho sobre Teilhard de Chardin: a agudeza das observações, a soltura e a leveza da linguagem, a precisão dos termos sempre foi uma característica desse cientista a quem o prof. Carlos Chagas, durante reunião no Conselho Federal de Cultura, afirmou ser “uma das mais fulgurantes inteligências” que ele conheceu. É interessante observar que o professor Bezerra Coutinho é também um desses homens que, à semelhança de Teilhard de Chardin, nunca se preocupou em reunir os seus escritos numa obra, ou obras, já que esses trabalhos não são poucos. Na literatura, ele produziu um estudo interpretativo sobre o Romantismo que devia ser conhecido por todos os nossos intelectuais, inclusive os estudantes de Letras. Esse ensaio, escrito em 1932, é de uma atualidade surpreendente. No estudo sobre Teilhard de Chardin ele se prendeu a dois aspectos: Ciência e Profetismo. Para ele, o profetismo de Chardin, como o de Isaías possuía ou assumia uma feição de “medicina espiritual”. Embora não negando a Teilhard de Chardin sua condição de cientista, Bezerra Coutinho trazia para os leitores desta revista uma contribuição fundamental, em especial quando afirmou que esse grande homem é “sobretudo e acima de tudo um profeta, talvez o profeta de nosso tempo”.

Outros colaboradores, deram a revista uma fisionomia severa e assim foi vista pela comunidade cultural do país. O *Estado de São Paulo* fez um longo comentário sobre o seu conteúdo. Os números seguintes, durante quase 20 anos, deram a *Estudos Universitários*, em nível internacional, uma posição privilegiada entre as revistas de cultura editadas no país. Os adidos culturais junto às legações estrangeiras acreditadas em Brasília, comunicaram ao então Reitor Marcionilo Lins haver *Estudos Universitários* sido considerada por eles a melhor revista de cultura do Brasil. Recebíamos pedidos de professores de famosas universidades norte-americanas e européias, interessados em colaborar. Aqui, muitos publicaram seus trabalhos, inclusive cientistas espaciais alemães, críticos literários norte-americanos e franceses. A revista tornou-se o núcleo da chamada Geração 65, publicando, em livros de até 100 páginas, obras de nossos poetas jovens, entre os quais hoje alguns são bem conhecidos: Alberto da Cunha Melo, Jaci Bezerra, Marcus

Accioly, Ângelo Monteiro, José Rodrigues de Paiva, Tereza Tenório, Fernando Monteiro. Alguns, famosos como poetas e tradutores, publicaram seus primeiros poemas em separatas de *Estudos Universitários*. É o caso, por exemplo, de Jorge Wanderley, tradutor da lírica de Dante.

Ao deixar de circular em 1985, *Estudos Universitários* não o fez de forma melancólica. Esse último número correspondente ao volume 18, foi um dos mais ricos em relação ao conteúdo. Trazia ensaios de Aluizio Bezerra Coutinho, Newton Sucupira, George Browne Rêgo, César Leal, Ronald Rassner (USA), Marcionilo Lins, Leonidas Camara e Sérgio Rezende. Acredito que com exceção do autor deste comentário, os demais são personalidades altamente reconhecidas pela comunidade intelectual brasileira. Além desses autores, ao se despedir, *Estudos Universitários* lançava um poeta jovem que é apontado em todo Brasil como um dos mais fortes valores de nossa lírica: Weydson Barros Leal.

Em ensaio sobre a formação intelectual e itinerário filosófico de Tobias Barreto, o professor Newton Sucupira, mostrava-nos como era generalizado o autodidatismo dos que buscavam dedicar-se aos estudos de filosofia no Brasil do século XIX. Ao fazer uma reflexão sobre o problema, afirma que o historiador Pedro Calmon não exagerava quando escreveu que Tobias Barreto foi “o mais espantoso autodidata de nossa história intelectual. Concorde, em parte, com o historiador baiano, mas com um inevitável reparo a observação de Pedro Calmon: “por maior que tenha sido o seu talento, Tobias não pôde superar as limitações inerentes a todo autodidatismo, como revelam notórias deficiências de sua cultura filosófica”. Mas Newton Sucupira considera Tobias Barreto uma vítima do deficiente sistema de ensino no Império, das estreitezas dos “horizontes culturais”, das altíssimas barreiras que impediram os vãos de sua inteligência. Apesar de tantas falhas apontadas por Newton Sucupira na formação de Tobias, verifica-se que o seu ensaio revela haver o grande sergipano recebido muito cedo uma boa formação latina, a tal ponto que em menos de três anos falava e escrevia na língua de Virgílio, como se fosse um mestre. Além disso, aprendeu música, e tocava flauta e violão, instrumentos que o tornaram admirado e estimado pela sociedade de Itabaiana, cidade onde viveu durante alguns anos. Especializando-se pelo próprio

esforço em literatura, na luta pela ascensão social, através dos estudos, acabou alcançando – como diria o grande poeta simbolista Cruz e Souza – “o saber de altos saberes”. Toda a evolução intelectual de Tobias Barreto nos é mostrada nesse ensaio de Newton Sucupira, em especial sua vida no Recife, no meio da aristocracia dos senhores de engenho. Tornando-se um germanista, Tobias Barreto acabou por vencer todas as barreiras que se opunham aos movimentos de seu espírito. Newton Sucupira assim finalizava o seu ensaio:

Tobias Barreto interessou-se pela cultura alemã em seus mais variados aspectos. Contudo, a filosofia, o direito, a literatura constituem as áreas culturais, por excelência, em que se concentraram os seus estudos. No presente ensaio, limitamo-nos ao pensamento filosófico. E para melhor avaliar o que da filosofia alemã mais utilizou o mestre do Recife na tentativa de formular sua concepção do mundo, parece-nos indispensável delinear, em grandes traços, o quadro das principais correntes do pensamento filosófico germânico na época que vai do meado do século XIX à década de 80.

O professor Leônidas Câmara, foi também um dos que participaram da elaboração do último número de *Estudos Universitários*, que, felizmente, agora se comprova, fora apenas uma suspensão provisória, e não o “último”, como demonstram as ações que resultaram na volta da revista à circulação. Ele ocupou-se de um dramaturgo famoso: Pirandello. Baseado na peça *Seis Personagens à Procura de um Autor*, mostrando as razões que levaram Pirandello a escrever o prefácio didático-teórico de 1930, nove anos após a primeira apresentação, Leônidas Câmara deu aos leitores de *Estudos Universitários* um amplo painel da revolução pirandelliana na dramaturgia deste século, abrindo caminho a uma compreensão de seu teatro e das obras dramáticas de poetas com T.S. Eliot, Cocteau e Lorca. Tudo isso mostrava a importância de uma revista de cultura em uma Universidade como a nossa, hoje, na vanguarda da pesquisa e dos estudos avançados nos cursos de pós-graduação, em muitas áreas do saber.

Outros trabalhos importantes que não podem deixar de figurar nesta breve memória, foram o estudo do então reitor George Browne Rêgo – “A Qualidade do Ensino na Educação Superior Brasileira”, o ensaio do professor Sérgio Rezende sobre o papel da Universidade em Ciência e Tecnologia, meu ensaio sobre as dimensões temporais no estudo do poema e o comentário crítico feito a esse estudo pelo antropólogo e comparatista norte-americano, professor Ronald Rassner, da Universidade de Wisconsin.

Agora, a revista retorna, numa demonstração de que sua força espiritual continuava a existir na memória das novas gerações. Além de algumas colaborações especiais, ex-reitores da UFPE, no momento em que se comemora meio século de existência da instituição, trazem seu depoimentos, mostrando o que fizeram ou deixaram de fazer, durante os seus Reitorados. Todos estão de acordo e satisfeitos com a decisão do Reitor Mozart Neves Ramos e do Vice-Reitor Geraldo Pereira em trazer de volta à comunidade acadêmica a força portadora da voz de seu espírito: a revista *Estudos Universitários*. O presidente da Comissão Editorial é um desses ex-reitores, o professor George Browne Rêgo, e os dois editores-adjuntos são dos quadros da Universidade, inclusive o seu antigo editor. A partir do próximo número, acreditamos que *Estudos Universitários* alcançará o ponto mais elevado de seu desempenho no estímulo, criação e difusão das mais altas formas de cultura.